



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**ESCOLARIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS E ENSINO NA ESCOLA CARLOTA
BARREIRA- AREIA-PB (2011-2023)**

ANNA KAROLLYNE FEITOSA NUNES

CAMPINA GRANDE/PB

JULHO/2023

**ESCOLARIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS E ENSINO NA ESCOLA CARLOTA
BARREIRA- AREIA-PB (2011-2023)**

ANNA KAROLLYNE FEITOSA NUNES

Trabalho de Conclusão Curso (Relato de Experiência) apresentado ao Curso de Licenciatura em História do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em História.

ORIENTADORA: Regina Coeli Gomes Nascimento

JULHO/2023

ANNA KAROLLYNE FEITOSA NUNES

ESCOLARIZAÇÃO E EXPERIÊNCIAS E ENSINO NA ESCOLA CARLOTA
BARREIRA- AREIA-PB (2011-2023)

Trabalho de Conclusão do Curso avaliado em 17/07/2023

BANCA EXAMINADORA

Regina Coelli Gomes Nascimento

Orientador (a)

Iranilson Buriti de Oliveira

Examinador (a)

Silede Leila Oliveira Cavalcanti

Examinador (a)

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre me dar forças para continuar apesar das dificuldades.

À minha mãe, Maria da Conceição, que sempre me concedeu apoio em todas as fases de minha vida, sem ela nada disso seria possível.

Ao meu filho, João Lucas, que é meu sustento e me trouxe motivações para prosseguir.

Às minhas amigas que se fizeram presente em vários momentos durante a graduação, sem o apoio delas ao longo do curso, não teria chegado até aqui.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação escolar e acadêmica.

RESUMO

Neste relato, proponho uma reflexão a respeito da minha formação básica e das experiências na graduação, assim como também, os desafios e vivências no estágio da disciplina de Prática de Ensino de História, do curso em Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, realizado na cidade de Areia-PB, no ano de 2023. A escolha deste objeto de pesquisa se deu partindo do intuito de trazer análises e reflexões sobre a importância do estágio no curso de licenciatura em história e/ou em qualquer formação docente, assim como os desafios de ensino enfrentados diariamente pelo professor. Como documentação, utilizo registros do meu acervo pessoal como fotografias enquanto aluna das escolas em que estudei e registros dos momentos em que realizei o estágio, assim como imagem do questionário respondido pelos alunos durante a prática do estágio. Para concretização do presente relato, dialogo com os conceitos propostos por Foucault (1993), relacionados às práticas da escrita de si; as ideias de Michel Pollak (1992) sob a perspectiva de memória e identidade e, as reflexões sobre prática pedagógica desenvolvida por Paulo Freire (1996).

Palavras-chave: memória, relato de experiência, estágio supervisionado, história.

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Cidade Areia-PB.....	11
FOTO 2: Escola Traços e Letras.....	12
FOTO 3: A autora e seu primo, na cerimônia de formatura do ABC.....	13
FOTO 4: A autora e seus pais, na cerimônia de formatura do ABC.....	14
FOTO 5: Meu diploma do ABC.....	14
FOTO 6: Registro pós quadrilha junina da Escola Traços e Letras.....	15
FOTO 7: Natal na Escola Traços e Letras.....	15
FOTO 8: Dos tempos do ensino médio: A autora e seu amigo.....	18
FOTO 9: Foto pós desfile dia 7 de setembro.....	19
FOTO 10: Formatura 3º ano do ensino médio.....	19
FOTO 11: Primeira foto da turma de História 2014.2.....	21
FOTO 12: Aula de campo Salvador- BA.....	23
FOTO 13: Frente da Escola Carlota Barreira.....	26
FOTO 14: Prédio principal Escola Carlota Barreira.....	27
FOTO 15: “Prédio da mata” Escola Carlota Barreira.....	27
FOTO 16: Capela da Escola Carlota Barreira.....	28
FOTO 17: Frente do refeitório Escola Carlota Barreira.....	28
FOTO 18: Livro didático 2º ano Editora Saraiva.....	31
FOTO 19: Ministrando a 1º aula na Escola Carlota Barreira- 2º ano “F”	32
FOTO 20: Ministrando aula na Escola Carlota Barreira – Ciclo VI (EJA).....	33
FOTO 21: Alunos da turma Ciclo VI (EJA).....	35
FOTO 22: Questionário aplicado nas turmas do 2º ano “F” e Ciclo VI(EJA).....	37

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- **UFCG** – Universidade Federal de Campina Grande
- **ENEM** - Exame Nacional do Ensino Médio
- **EJA** – Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1- MEMÓRIAS DOS PRIMÓDIOS DA MINHA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR.....	11
2- O ESTÁGIO NO CURSO DE HISTÓRIA E OS SEUS DESAFIOS PEDAGÓGICOS.....	26
2.1- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CARLOTA BARREIRA.....	26
2.2-EXPERIÊNCIAS DE ENSINO NA ESCOLA CARLOTA BARREIRA: MINISTRANDO AULAS NA ESCOLA EM QUE ESTUDEI.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

Neste relato procuro elaborar uma escrita de si e de minhas memórias destacando os primórdios dos anos escolares ensino médio e ensino superior. Em contrapartida, disserto sobre as experiências vividas no âmbito escolar realizadas no estágio da disciplina de Prática de Ensino de História.

O objetivo deste trabalho é abordar minha primeira experiência como docente em sala de aula, realizada na Escola Carlota Barreira, dialogando com a importância do estágio no curso de licenciatura em História para a formação docente, permitindo dessa forma, um contato inicial com o trabalho executado pelo professor, trazendo-me a oportunidade de pôr em prática o conhecimento adquirido no período como discente do curso de licenciatura em História.

As fontes utilizadas que aparecem em exibição ao longo deste relato, são fotografias pertencentes ao meu acervo pessoal. Dentre elas, estão os registros de momentos que foram importantes em minha vivência com destaque para os registros enquanto aluna das escolas que frequentei, registros do primeiro dia de aula como discente na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), bem como fotografia das aulas de campo das quais participei, imagens feitas dos momentos do estágio supervisionado realizado e fotografia de alunos das turmas, além de um questionário aplicado em sala de aula para os estudantes das respectivas séries trabalhadas.

Como aporte teórico, foram utilizadas a perspectiva de escrita de si trabalhada por Michel Foucault (1992), as ideias de Michel Pollak (1992) sob a perspectiva de memória e identidade, e as reflexões sobre prática pedagógica desenvolvida por Paulo Freire (1996).

O presente estudo divide-se em dois momentos: no primeiro capítulo apresento de forma cronológica a minha trajetória escolar desde os primórdios na educação infantil até adentrar no ensino superior, assim como as minhas experiências e desafios no curso de licenciatura em História; no segundo capítulo, descrevo algumas fases do estágio supervisionado - a princípio, discorro sobre o detalhamento das características da escola, os recursos que ela dispõe, assim como os desafios que encontrei ao ministrar as aulas nas turmas, a caracterização das turmas, a metodologia utilizada os assuntos abordados em

sala de aula, finalizando com uma reflexão sobre as práticas pedagógicas docente.

1- MEMÓRIAS DOS PRIMÓDIOS DA MINHA EDUCAÇÃO INFANTIL AO ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo, pretendo descrever sobre a minha trajetória escolar e acadêmica, e alguns momentos que durante essa trajetória marcaram minha vida. Início então a partir da ideia de que discorrer sobre si não é tarefa fácil, mas segundo Foucault : "Escrever é, portanto, "se mostrar", se expor [...].(2004, pag.56). É preciso exercitar a arte de escrever sobre si e é isso que pretendo.

Me chamo Anna Karollyne Feitosa Nunes, tenho 26 anos, sou concluinte do curso em licenciatura em História na UFCG. Nasci na cidade de Areia-PB, localizada aproximadamente a 49km de Campina Grande. Cidade essa, na qual resido até os dias atuais.

Figura 1. Cidade de Areia-PB



.Imagem disponível em <https://www.destinoparaiba.pb.gov.br/ondeir/historia-cachacas-artesanais-e-um-clima-europeu-assim-e-areia/>

Minha mãe, maria da Conceição, trabalha como empregada doméstica, começou a trabalhar bem cedo, para ajudar os pais. Quando namorava com meu pai aos 19 anos, engravidou e, por isso ela só concluiu o ensino médio aos 35 anos.

O meu pai é mecânico e estudou apenas até a 5º série, também começou a trabalhar bem cedo e acabou não concluindo os estudos escolares. Sou a filha

mais velha de três irmãos, tenho uma irmã de 22 anos e um irmão de apenas de 6 anos.

A respeito da minha trajetória escolar, iniciei os estudos aos 4 anos de idade na Escola Traços e Letras¹ em 2001, ano em que adentrei pela primeira vez em um espaço escolar. A imagem abaixo retrata como está atualmente a instituição, que foi transferida para outro local diferente do período em que a frequentei.

Figura 2. Escola Traços e Letras- Areia- PB



Fonte acervo pessoal, 2023.

A Escola Traços e Letras - um colégio de pequeno porte na época - de ensino particular, era a única instituição de ensino que meus pais tinham condições de pagar. Frequentei-a apenas por 2 anos, período que correspondia respectivamente à pré-escola e a alfabetização (nomenclatura utilizada na época). Recordo bem da “Tia Cidinha”, professora e proprietária da escola, que me auxiliou na prática de alfabetização.

No segundo ano da escola, em 2003, aos 5 anos de idade, ao final do período letivo; foi organizada e preparada com apoio dos pais dos alunos, a formatura do ABC para formalizar a conclusão dessa etapa. Cada aluno teria que entrar acompanhado com um par, que poderia ser estudante da escola, ou algum colega, parente, a critério dos pais.

¹ Escola localizada na cidade de Areia-PB, aproximadamente a 49km de Campina Grande.

Minha mãe então, convidou um colega que residia na mesma rua em que morávamos e que brincávamos quando éramos crianças. Todavia, no dia da formatura, quando já me encontrava pronta, usando um vestido branco comprado por minha mãe, similar ao de uma daminha de honra; recebemos a informação de que o garoto convidado para ser o meu par na formatura, desistiu de me acompanhar de última hora.

As memórias relacionadas a este momento são de desespero, pois não sabíamos quem poderia me acompanhar naquela ocasião tão especial. No mesmo instante, minha mãe lembrou-se de um dos meus primos que reside, próximo a minha casa e coincidentemente pertence à mesma faixa etária que eu.

Fomos então à casa da minha avó chamá-lo de última hora para me acompanhar. Minha tia o arrumou e, finalmente fomos para a formatura. Chegando ao local reservado para o evento, após o início da cerimônia, entrei no salão acompanhada do meu primo e com ele dancei a valsa.

Lembro-me também, que a Tia Cidinha me encarregou de ler uma frase na cerimônia, pois afinal, eu já conseguia realizar pequenas leituras. Não me recordo muito bem do que me pedira para ler, mas lembro-me de ensaiar bastante, sendo aquela a primeira vez que falei ao microfone na frente de um público em específico.

Figura 3. A autora e seu primo na cerimônia de formatura do ABC.



Acervo pessoal, 2005.

A imagem acima, contém registro de um desses momentos que se fizeram especiais para mim: a entrada no salão acompanhada do meu primo, André Victor, no dia da minha formatura. Outro registro importante da cerimônia, expõe o momento em que eu e meus pais dançamos juntos. Essa fotografia (conforme figura 4), me faz recordar da frase clichê: “Eu era feliz e não sabia”.

Exponho também abaixo, conforme figura 5, registro em foto do ato posterior ao falar ao microfone, marca o recebimento do diploma de conclusão do ano de alfabetização.

Figura 4. A autora e seus pais na cerimônia de formatura do ABC



Acervo pessoal, 2005.

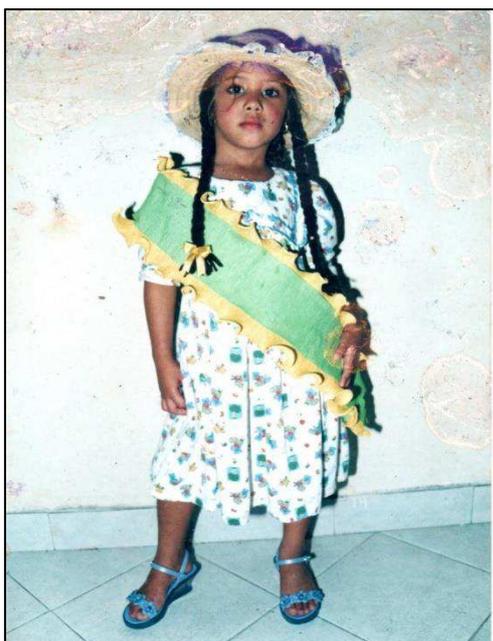
Figura 5. A autora recebendo o seu diploma de formatura do ABC



Acervo pessoal, 2005

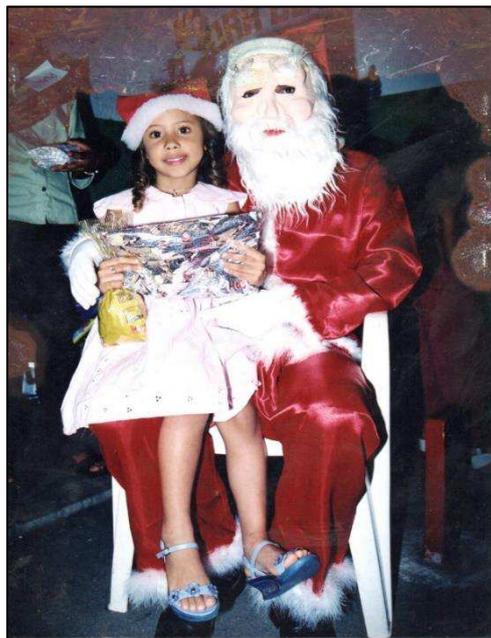
Segundo MAUAD (1996), “a fotografia é considerada como testemunho: atesta a existência de uma realidade.” Embora, não tenha muitas recordações dos momentos exatos das imagens apresentadas, elas exibem momentos que foram realidade e marcam etapas da minha experiência de vida. “A fotografia para além de tudo é uma fonte histórica” (MAUAD, 1996).

Figura 6. Registro da autora após participação na quadrilha da Escola Traços e Letras



Acervo pessoal, 2005

Figura 7. Natal Escola Traços e Letras



Acervo pessoal, 2005.

Além da cerimônia formatura, participei da quadrilha junina da Escola Traços e Letras, e de um evento no Natal na mesma, no ano de 2005. Não tenho muitas lembranças desses dois momentos distintos, porém a ocasião foi devidamente registrada, conforme imagens acima.

Após concluir os anos iniciais de alfabetização, mudei de escola. Aos 6 anos de idade passei a frequentar a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira², instituição na qual estudei da 1º série (nomenclatura usada na época) até o último ano escolar, concluindo o ensino médio aos 16 anos.

Na época da minha transferência escolar, minha mãe trabalhava pela manhã e desse modo, ficava impossibilitada de me levar à escola. Um dos meus primos, que morava vizinho à minha casa, se encarregou de levar-me para todos os dias, pois ele também estudava no mesmo local. Lembro-me dos passos largos que ele dava a caminho da escola, e por ser tão pequena, precisava “correr” para acompanhá-lo.

Os anos letivos do ensino fundamental foram tranquilos, no sentido de não apresentar dificuldades relacionadas à aprendizagem nessa primeira fase

² Escola localizada na cidade de Areia-PB, a aproximadamente 130km da capital. Local em que realizei o estágio da disciplina Prática de Ensino de História.

escolar. Minha mãe relata, que quando eu era pequena nunca precisou me ensinar a fazer as lições de casa, eu mesma fazia tudo sozinha.

Dos anos iniciais, mais precisamente da 2ª série (ano de 2005), possuo memórias mais claras de um conteúdo em especial: a tabuada. Recordo-me, além disso, da professora Socorro Souto, ela era muito atenciosa e igualmente exigente. O dia mais marcante, dessa época, foi quando a professora pediu para que os alunos estudassem a tabuada inteira do 1 ao 10, até praticamente decorar, para em seguida, expôr oralmente para a turma o que fora treinado, sem apresentar margem de erros. Lembro-me do nervosismo antes de fazer aquela simples apresentação (mesmo com tudo já memorizado), pois é a mesma sensação que tenho ao falar em público até os dias atuais.

Dos anos letivos referentes à 3ª série e 4ª série, não tenho muitas recordações. Desta última série citada, lembro apenas da professora Glória e de alguns amigos que tive nessa época. Segundo Pollak (1992, pag.203), “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.”

Por vezes, sinto dificuldade em memorizar datas, todavia, de acordo com Pollak (1992, pag.201), “A memória é constituída por pessoas, personagens.” Dessa forma, procuro recordar de momentos e pessoas que ficaram marcadas de alguma forma em minha vida.

Afirmo convicta, que a fase escolar que mais me gerou empolgação foi a transição do ensino fundamental I para o fundamental II: a quinta série, o momento do primeiro caderno de matérias. Minhas memórias referentes ao período em questão são repletas de nostalgia. A euforia se fazia presente desde o dia de comprar o material escolar até o primeiro dia de aula.

Minhas ferramentas escolares nunca foram as mais caras, mas meus pais sempre tentaram me dar o melhor dentro de suas possibilidades. Eles me levavam todos os anos para comprar os materiais dos quais eu precisaria para estudar. Particularmente, eu amava escolhê-los, tendo consciência, já naquela época, das condições financeiras das quais dispúnhamos.

Em determinada ocasião, recordo do dia em que meu pai, mesmo dispondo apenas de uma quantia para as despesas escolares, me levou para selecionar os materiais. Na papelaria, meu pai pediu a moça que atendia no balcão, que nos mostrasse as opções de lápis, borracha, apontador, entre outros.

Feito isso, em seguida, meu pai me pediu para decidir entre as os materiais expostos questionando-me sobre o critério utilizado para fazer a escolha: beleza ou pela qualidade. Priorizei os materiais escolares mais “simples”, que por sua vez, não eram tão bonitos ou com personagens, mas naquele momento parecia-me ter feito a melhor escolha. Naquele momento, meu pai me auxiliou não somente nas predileções de um lápis ou uma borracha. Me ensinou, do mesmo modo, a analisar a situação para a fim de fazer a melhor escolha dentro das possibilidades existentes.

Para mim, o primeiro dia de aula era o mais empolgante. Na escola a qual frequentei existia o costume de reunir todos os alunos no pátio, após sua chegada. Depois, realizava-se uma chamada, com auxílio de um microfone, a fim de direcionar cada estudante em suas respectivas turmas.

O momento acima citado, era muito importante, porque era a partir de tal processo que saberíamos em qual sala iríamos estudar. Isso acontecia, devido ao fato de a partir da 5^o série, existir mais de uma turma do mesmo sistema seriado, por exemplo: 5^oA e 5^o B.

Com o passar dos anos, a escola mudou essa metodologia de abordagem do início do período das aulas, passando apenas a colocar uma lista com os nomes dos alunos na porta das respectivas salas de aula, para facilitar o encontro da turma a qual iria participar.

Ainda referente ao primeiro dia de aula, era nele que poderíamos saber se seu melhor amigo iria participar da mesma turma e, escolher em qual carteira permanecer durante o ano escolar, o que era uma decisão de caráter definitivo, uma vez que não era possível efetuar trocas posteriormente.

No ensino fundamental pude fazer muitos amigos, entretanto, atualmente não se encontram tão próximos de mim; diferente do ensino médio, período em que consegui estabelecer amizades duradouras e que se mantêm firmes até os dias atuais. Nesse contexto, destaco uma pessoa em especial, que apesar de todo o tempo passado se faz presente de maneira ativa em minha vida: Hugo Gomes.

Figura 8. A autora e seu amigo Hugo, entre corredores da Escola Carlota Barreira.



Acervo pessoal, 2013.

Na Escola Carlota Barreira havia como tradição a apresentação de quadrilha junina feita por seu corpo estudantil. Particpei apenas uma vez do evento. Outra data especial a qual a escola direcionava grande importância, e que também particpei enquanto estudante do ensino fundamental e ensino médio; era o desfile referente à Proclamação da República no dia 7 de setembro.

No dia do desfile, todos chegavam na escola bem cedo para se organizarem como um todo. Uma parte dos alunos se encarregavam de levar cartazes ou objetos que fizessem parte do tema escolhido pela escola no referente ano. Quando todos encontravam-se em seus devidos lugares, a banda marcial saía na frente e, os alunos organizados em fileiras atrás. Nos deslocávamos, em marcha, do colégio para o centro da cidade, local onde o desfile era realizado. Os pais assistiam aos filhos no dia do evento e, nos anos em que particpei dessa tradição, minha mãe se fez presente de acordo com sua disponibilidade.

A imagem disposta a seguir, representa a última vez em que particpei do desfile cívico (3º ano do ensino médio). Ficamos por horas expostos ao sol até concluir a marcha. Na fotografia, eu e colegas de sala do 3º ano com quem pude compartilhar muitos momentos, juntamente com colegas de uma outra turma da mesma escola.

Figura 9. Registro pós a apresentação no desfile da Proclamação da República, 07 de setembro. A autora e alguns colegas de turma.



Acervo pessoal, 2013.

Ao longo do ano de 2013, cursava o 3º ano do ensino médio e, por ser o período de conclusão, a turma da qual fiz parte havia resolvido vender lanches na escola, com a permissão da diretoria, no intuito de arrecadar uma quantia destinada à realização da nossa formatura, assim como cada aluno se responsabilizou em pagar uma pequena parcela mensal para custear a cerimônia. Ao final do ano letivo, tudo saíra como planejado, conseguimos angariar um valor financeiro significativo, tornando possível realizar o evento.

Figura 10. Formatura do 3º ano, na Escola Carlota Barreira



Acervo pessoal 2013.

Conforme o exposto na figura 10 (acima) eu e dois dos meus amigos mais próximos do ensino médio: Jakeline Florêncio e Hugo Gomes. Essa imagem ficará sempre guardada em minha memória com bons sentimentos.

No 2º ano do ensino médio (2012), me submeti pela primeira vez ao Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), com o objetivo de adquirir conhecimento inicial a respeito da avaliação que precisaria fazer novamente no ano seguinte.

Em 2013, ao 3º ano do ensino médio, realizei pela segunda vez o ENEM, sendo o seu resultado divulgado apenas no ano subsequente, para pôr fim, escolher o curso o qual seria a minha futura profissão. Admito o quão complicado é tomar essa decisão, pois em dada situação não sabemos ao certo o que desejamos seguir como carreira.

Ao sair o a nota do exame, já dispunha de uma concepção de qual curso escolheria. Minha primeira opção de curso seria Direito e, conseguinte o curso de História. Na época, considerava os dois cursos formidáveis (sempre obtive boas notas no componente curricular de história durante todos os meus anos escolares), porém havia predileção pelo curso Direito (atualmente não tenho a mesma percepção).

Com a chegada da data de divulgação do resultado, me dirigi até uma “lan-house”³ para conferir se havia sido aprovada. Na 1ª lista de espera do curso de História estava meu nome. Apesar do curso de licenciatura em história, não ter sido a minha primeira opção de curso, vibrei de alegria. Mal poderia acreditar que conseguira ingressar em uma instituição de ensino superior.

Posteriormente, informei minha mãe a respeito da aprovação e, dias depois fomos até à UFCG realizar a minha matrícula. O primeiro contato com a instituição deslumbrou-me, trazendo à tona um misto de sensações de felicidade e de medo. Medo do novo, do que me esperava à frente, considerando o fato de ser muito jovem, com apenas 17 anos de idade.

Ainda não acreditava no que estava acontecendo e me questionava quanto à veracidade do resultado divulgado. Chegando à coordenação do curso, confirmei que realmente havia sido aprovada e prossegui com o processo de matrícula.

³ O que é uma Lan-house? <https://uneppe.files.wordpress.com/2011/04/lanhouse1.pdf>

No primeiro dia como graduanda, como todo iniciante, me encontrava perdida. Não tinha conhecimento sequer de como localizar as salas de aula, que continham letras e números; diferente daquilo que fazia parte do meu cotidiano. Entrei por engano em uma turma e, só percebi o erro após o professor presente questionar-me sobre o curso qual eu pertencia.

Passado o constrangimento inicial, me dirigi à coordenação do curso para me informar a respeito da identificação das salas. A caminho, encontrei Bianca Maria, que tornou-se minha melhor amiga, não unicamente como colega dentro do curso, mas durante todos esses anos em vários aspectos de minha vida.

Além de conhecer Bianca, fiz conexões com outras pessoas que também se tornaram grandes amigas ao longo do curso, que contribuíram e me auxiliaram bastante durante todo o período de graduação. Sem elas, certamente, não chegaria até aqui.

Abaixo encontra-se exibida a primeira fotografia da turma 2014.2. Muitos dos que se encontram na foto, desistiram da licenciatura, outros acabaram transferindo-se para cursos diferentes. No meu caso, persisto na referente graduação, com o intuito de concluir esta fase tão importante.



Figura 11. Acervo pessoal, 2014. Primeira fotografia da turma 2014.2, no Centro Acadêmico de História na UFCG.

Para comparecer as aulas todos os dias, fiz uso do ônibus que a prefeitura do município de Areia disponibiliza para os estudantes. O trajeto entre a cidade

que resido, até Campina Grande dura cerca de 3h. O transporte tem o horário fixo de saída às 16:45h, retornando à cidade de Areia somente às 23:30h. Uma rotina extremamente cansativa, porém necessária.

No primeiro período do curso, não tive dificuldades. Consegui concluir todas as disciplinas apesar de ter advindo de uma escola pública, sendo o conhecimento “aprendido” no ensino médio relativamente básico; fui tentando aos poucos, me adaptar a essa nova realidade.

Durante o segundo período do curso, descobri que estava grávida. Uma mudança inesperada em meio à turbulência de um relacionamento iniciado aos meus 15 anos de idade. Esse fato me trouxe novamente o medo, que me fez pensar em desistir do curso, pois se para mim o ensino superior inicialmente já me parecia difícil, seria ainda mais com um filho.

Contudo, graças ao apoio de minha mãe e de minhas amigas que me aconselharam também a não desistir, continuei minha jornada no curso. Não tive propriamente um período de licença maternidade, pois na época do meu puerpério (maio de 2015) houve uma greve na UFCG.⁴ Após 135 dias de greve, voltei às aulas e, vivenciei a dupla jornada de ser mãe e estudante. Não é tarefa fácil conciliar maternidade e a universidade, mas se fez necessário.

À medida que foram passando os semestres, a universidade passou a não ser a minha principal preocupação. Com a maternidade senti que fui me distanciando cada vez mais do curso. Quando surgiam por vezes as dificuldades me subestimei. Os pensamentos negativos relacionados à minha capacidade surgiam na minha mente com frequência. Em consequência disto, o sonho de ser formada em curso superior, de ter uma profissão na área cursada, iam ficando cada vez mais longe.

Em meio aos questionamentos, tive bons momentos e lembranças no curso. As aulas de campo certamente permanecerão em minha memória. Em especial a viagem para Salvador-BA. Conhecer a cidade, a cultura, o Pelourinho, foi um momento memorável.

⁴ Saiba mais sobre a greve em maio de 2015, acessando: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/05/servidores-da-ufcg-entram-em-greve-por-tempo-indeterminado.html>

Figura 12. Aula de campo em Salvador-BA



Acervo pessoal, 2017.

Acima o registro dessa viagem inesquecível em outubro de 2017 com a turma do mestrado, a qual pude participar, graças a coordenação do curso que concedeu aos alunos da graduação a oportunidade de participar desta aula de campo.

Sempre gostei de estar envolvida em eventos como a viagem em questão para conhecer de perto lugares e histórias. Não medi esforços para participar desta, qual considero uma das melhores viagens da minha vida. Viajamos com o ônibus fornecido pela universidade e, ao chegarmos, ficamos hospedados em uma pousada chamada Solar dos Romanos, localizada na ladeira do pelourinho.

Seguimos um cronograma, que havia sido organizado previamente, durante os 3 dias que estivemos na cidade. Visitamos vários lugares, e pontos históricos, dentre eles destaco dois locais: a Igreja de São Francisco, conhecida como Igreja do Ouro e, o Elevador Lacerda, primeiro elevador urbano do mundo. A viagem foi bastante cansativa (devido a longa distância), mas as experiências e aprendizados vividos seguem presentes em minha memória.

Os semestres foram passando e, em meio às dificuldades em colocar o curso como primeira opção na minha vida, no ano de 2020, ocorreu a pandemia,⁵ iniciei um novo ciclo e, um relacionamento amoroso. Tudo aconteceu muito rápido e, com a união estável vieram as mudanças.

⁵ Saiba mais sobre a pandemia do corona vírus em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/pandemia-de-covid-19.htm>

Durante toda a vida, até aquele momento, sempre tive minha mãe ao meu lado para me ajudar e me apoiar em tudo, incluindo a educação e cuidado com o meu filho, mas a partir dali seria diferente, visto que não moraríamos mais na mesma residência. Passei a dividir a vida e o lar com meu esposo e com meu filho, fruto do meu relacionamento anterior.

Com as mudanças vieram mais responsabilidades, o que para mim foi bastante difícil, pois me senti sobrecarregada, tendo que cuidar do meu lar, do meu filho, e ainda do meu próprio negócio, além de estudante, sou empreendedora desde os meus 18 anos.

Por estar tão atarefada, não obtive bons resultados nas disciplinas em que havia me matriculado. Resido ao lado de familiares maternos, onde há sempre muitas crianças e, em diversas ocasiões, sequer conseguia me concentrar sem interrupções para as assistir as aulas remotas durante esse período de pandemia.

A ausência do contato com os amigos de sala e a falta do contato direto aluno/professor durante a pandemia, me distanciou cada vez mais a do curso. Além disso, acontecimentos e problemas pessoais me influenciaram de maneira desestimulante, distanciando-me ainda mais do meu objetivo.

Obviamente, se fosse possível mudar, alteraria muitas das decisões que tomei ao longo desses anos. Todavia, acredito que tudo que vivenciamos serve-nos como lição e aprendizado, para que não cometamos os mesmos erros novamente.

Por muitas vezes me cobre e, ainda sou autocrítica em relação às peculiaridades que não permitiram concluir o curso anteriormente. Porém, creio que não podemos estabelecer tais comparações entre quem fomos e quem somos de maneira punitiva.

Cada um tem sua história, sua vivência, sua própria vida e seus próprios problemas, contudo não devemos deixar as dificuldades vencerem. Atualmente, posso afirmar que o ensino superior mudou a minha vida, me trouxe pessoas e experiências incríveis que agregaram muito, não somente em minha vida profissional, mas também em minha vida pessoal, como ser humano: cheia de defeitos, falhas, mas também cheia de sonhos.

O curso de licenciatura em história me trouxe novas visões sobre o mundo, sobre a vida, e me fez amadurecer muito, tanto sob a perspectiva pessoal, como profissional.

2- O ESTÁGIO NO CURSO DE HISTÓRIA E OS SEUS DESAFIOS PEDAGÓGICOS

O Estágio escolar é uma exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96). Neste capítulo, abordo as características físicas da escola que frequentei enquanto estudante do ensino básico e, realizei o estágio supervisionado, objetivando trazer a perspectiva de aluna, dessa instituição que fez parte da minha trajetória, além das experiências e desafios vividos proporcionado pelo estágio.

2.1- CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA CARLOTA BARREIRA:

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Carlota Barreira, na qual estudei por 11 anos e conclui a minha formação escolar; oferece ensino do 6º ano do fundamental II, até o 3º ano do ensino médio, contando com a modalidade da EJA (Educação de jovens e adultos)⁶.

Localizada na Praça Monsenhor Ruy Barbosa Vieira, Bairro: centro; na cidade Areia-PB. Contém 1060 alunos matriculados atualmente, divididos entre os turnos da manhã, tarde e noite.

Figura 13. Frente da Escola Carlota Barreira



Acervo pessoal, 2023.

⁶ EJA é a sigla de Educação de Jovens e Adultos, uma modalidade de ensino destinada ao público que não completou, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada. Saiba mais em: <https://www.infoescola.com/educacao/de-jovens-e-adultos/>

A escola dispõe de um conjunto de prédios. O prédio central, o maior dentre eles, dispõe de 9 salas de aula, além de uma secretaria, uma sala dos professores, diretoria, biblioteca e 4 banheiros. O mesmo, apresenta escadarias que dão acesso à algumas salas localizadas na parte superior do prédio e outra escadaria que dá acesso às salas localizadas abaixo.

Figura 14. Prédio principal Escola Carlota Barreira



Acervo pessoal, 2023.

Através do prédio central (conforme figura 14) se tem acesso a um outro local situado na parte posterior da estrutura principal, conhecido popularmente, como “prédio da mata” por se encontrar ao lado de uma área coberta por vegetação. Esse prédio dispõe de 5 salas de aula e 4 banheiros.

Figura 15. “Prédio da mata” Escola Carlota Barreira



Acervo pessoal, 2023.

O refeitório é localizado em um outro segmento menor que se tem acesso através de um pátio amplo, local utilizado pelos alunos no intervalo entre as aulas. No espaço em questão, há presença também de uma capela localizada ao lado do refeitório.

Abaixo do prédio da capela, existem mais duas salas que são utilizadas apenas no período da manhã e tarde, devido a grande quantidade de alunos nesses turnos. Pela manhã são utilizadas 17 salas no total, no período da tarde são utilizadas 14 salas e, à noite apenas 5 salas. A escola dispõe um quadro de 58 professores que auxiliam no funcionamento pedagógico da escola.

Figura 16. Capela da Escola Carlota Barreira



Acervo pessoal, 2023.

Figura 17. Frente do refeitório Escola Carlota Barreira



Acervo pessoal, 2023

No que diz respeito à ambientação das salas de aula, há quadros em todas as salas, além de carteiras, mesa para o professor e tv de 55 polegadas, tudo em bom estado e bom funcionamento. Porém, a escola não dispõe de uma quantidade de livros suficiente para todos os alunos, devido grande demanda por vagas. A instituição também não possui quadra para prática de esportes na atualidade, pois a área onde funcionava o espaço destinado para tal, foi vendida para uma empresa que a transformou num estacionamento.

A escola, de modo geral, reflete um lugar de memória. Memória do que foi vivenciado naquele espaço, das pessoas que de tal forma, fizeram parte da

minha vida escolar e pessoal. Lembranças de momentos tristes e felizes, de realizações e de frustrações. Recordações de um período que não voltará, mas que ficará para sempre guardado em minha mente.

2.2- EXPERIÊNCIAS DE ENSINO NA ESCOLA CARLOTA BARREIRA: MINISTRANDO AULAS NA ESCOLA EM QUE ESTUDEI

Ao início do estágio, enfrentei os primeiros desafios. Fui a campo, em busca de professores que pudessem me auxiliar na prática do estágio, contudo recebi a informação que uma das professoras que ministram as aulas de história no período da tarde, já dispunha de estagiário(as), não sendo possível dessa forma que eu realizasse o estágio.

Entretanto, fui em busca de uma outra educadora que pudesse me inserir e me auxiliar nesse momento tão importante para mim: ministrar a minha primeira aula. Prossegui à procura. Foi-me sugerido, dessa forma, uma outra professora, esta que inclusive, lecionava as aulas de história durante o mesmo período em que frequentava a escola e, que contribuiu muito para minha aprendizagem, a professora Bisneta Freire.

Retornei em um outro dia à escola, para procurá-la e perguntar sobre a possibilidade de realizar o estágio na disciplina de história em uma das turmas que a mesma ministra aulas. Felizmente, ela concordou, no entanto, propôs que o início das aulas do estágio acontecesse em uma outra semana, isso devido ao fato que a maior parte, senão a maioria dos alunos, serem moradores da zona rural da cidade e, que se encontravam impossibilitados de frequentar à aulas, devido à falta dos ônibus escolares que fazem o trajeto e transporte dos alunos desta zona referida.

Segundo informações recebidas, os motoristas se encontravam há cerca de 6 meses sem obter remuneração salarial. Em consequência disto, se negaram a prosseguir com o seu trabalho enquanto a situação não fosse resolvida. Esse fato, portanto, prejudicou todo o funcionamento da escola.

Diante da ausência dos alunos que estavam impossibilitados de frequentar a escola, a solução encontrada consistiu em reunir estudantes de algumas turmas da mesma série, e dessa forma os docentes poderiam ministrar

as aulas. Este contratempo estorvou a continuidade do cronograma dos professores, impedidos de explorar novos assuntos, evitando, desse modo, o mal desempenho dos discentes que não estivessem presentes.

Após algumas semanas, a professora Bisneta retornou-me o contato, comunicando, sobre a normalização dos transportes. Começamos então, a organizar o cronograma para as aulas que eu ministraria. Devido ao período ao qual estava impossibilitada de iniciar estágio, por causa do contratempo relativo aos transportes e, considerando o curto período do semestre, não conseguiria concluir o estágio ministrando aulas em apenas 1 turma.

Sugeri à professora Bisneta a possibilidade de executar as aulas no turno da tarde e no turno da noite. Felizmente, a professora concordou e, para concluir o estágio realizaria aulas em duas turmas: A turma do 2º ano F, à tarde, e a turma do Ciclo VI (EJA) do 3º ano noite.

Antes de iniciar o estágio prático assisti a uma aula de observação do Ciclo VI em que pude fazer uma análise inicial da turma. Comecei a prática de regência do estágio na turma do 2º ano F no dia 22 de maio, sendo essa a primeira vez que ministraria uma aula.

Iniciei as aulas de regência do estágio na turma do 2º ano F, no período da tarde, no dia 22 de maio. Sendo essa a primeira vez que ministraria uma aula. A turma do 2º ano “F” era composta por 22 alunos, com idade entre 16 e 21 anos. Em sua maioria são residentes da zona rural da cidade, com exceção apenas de 1 aluno que reside na zona urbana (resultados obtidos através de um questionário aplicado em sala de aula).

A professora regente, Bisneta Freire, se fez presente em todo o estágio docente, desde o primeiro dia de aula, assim como nas escolhas das questões para os exercícios que foram aplicados posteriormente nas turmas.

Utilizei a primeira aula de regência, para abordar o tema “Escravidão e resistência”, em continuação ao assunto explorado pela professora anteriormente na turma. Procuramos discutir sobre qual problemática seria abordada em minha participação.

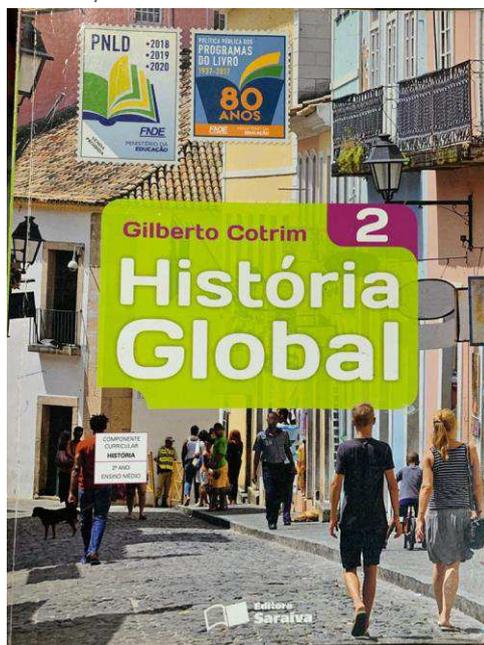
A professora propôs a utilização do livro didático do 2º ano em disponibilidade na escola para utilizá-lo como base para elaboração do plano de aula que seria apresentado posteriormente para a turma. Esse planejamento se faz necessário, contribuindo como uma ferramenta de roteiro na realização das

aulas, permitindo comparar se ao final das aulas os resultados foram satisfatórios, relativos à compreensão do conteúdo pelo alunado.

Utilizei a Tv (que há dentro de todas as salas de aula) para apresentação de slides, contendo ilustrações e tópicos sobre o assunto para que os alunos pudessem ir acompanhando o desenvolvimento da aula. Vivemos hoje na geração da tecnologia e, acredito que imagens em telas acabam por prender um pouco mais a atenção do aluno. Segui a aula de acordo com a sequência didática que havia sido previamente enviada para professora Bisneta. Tudo ocorreu como planejado, e dentro do que havia sido proposto.

Pude analisar que o livro didático escolar (conforme figura 18) disponível na escola, por sua vez, não traz uma abordagem objetiva sobre determinados conteúdos, portanto o professor em sua prática docente, necessita estar atento, problematizando de forma mais clara e objetiva o conteúdo em sala de aula, trazendo dessa forma uma abordagem eficaz para auxiliar na compreensão dos discentes.

Figura 18. Livro didático História 2º ano disponível na Escola Carlota Barreira.



Acervo pessoal, 2023.

A fotografia abaixo, mostra o registro desse momento de experiência que se fez muito importante para minha vivência. Ocasão em que ministrei a primeira aula, na turma do 2º ano (tarde). Os olhares, o medo do julgamento, o pensar não ser capaz, também se fizeram presente nesse momento, mas ao concluí-lo senti uma enorme satisfação e a sensação de dever cumprido.

Figura 19. Ministrando a 1ª aula na Escola Carlota Barreira, 2º ano “F”.



Acervo pessoal, 2023.

Realizei a segunda aula de regência na turma do Ciclo VI noite (3º ano) no dia 24 de maio de 2023, turma em que pude assistir, anteriormente, uma aula para análise e observação. A turma tem cerca de 20 alunos matriculados, todavia uma minoria é frequente. A faixa etária é diversificada, variando entre 22 e 48 anos de idade.

Ao chegar na sala de aula naquele primeiro encontro, a professora Bisneta Freire, elucidou o motivo da minha presença. Posteriormente, apresentei-me para a turma, esclarecendo que iniciaríamos a aula com a abordagem de um novo conteúdo, dando continuidade ao cronograma dos conteúdos recebidos. Ministrei esta aula com base na sequência didática elaborada por mim. O planejamento didático é uma ferramenta essencial para um desenvolvimento pedagógico satisfatório.

No primeiro encontro de regência debati o conteúdo sobre a Segunda Guerra Mundial, procurando fazer uma abordagem de forma inicial dos fatos, utilizando a Tv para expôr slides que continham imagens e tópicos referentes ao assunto, para facilitar aos alunos a compreensão do desenvolvimento do conteúdo.

Como já mencionado, a escola não dispõe de livros didáticos de história para todos os alunos, e, portanto, os mesmos, aprendem meramente através

dos conteúdos ministrados pelo docente, tal como através das atividades aplicadas em sala de aula.

Após a conclusão do cronograma elaborado para a aula, sugeri a professora Bisneta, que complementasse o conteúdo com as informações que julgasse necessárias acrescentar. Os alunos expuseram suas dúvidas e adicionaram suas falas expondo o conhecimento adquirido por eles respectivo ao conteúdo.

Figura 20. Ministrando aula na Escola Carlota Barreira, Ciclo VI (EJA)



Acervo pessoal, 2023.

Nas aulas seguintes, a professora regente propôs que fosse realizado exercícios nas duas turmas do 2º ano “F” e do Ciclo VI (3º ano), de modo que eu pudesse avaliá-los utilizando meus próprios critérios para atribuir nota em cada atividade.

Na turma do 2º ano, referente ao assunto da escravidão, preparei uma atividade com 5 questões, 3 de múltipla escolha e 2 questões abertas. Escolhi um vídeo de aproximadamente 6 min que seria reproduzido ao início da aula para a turma, mas devido a problemas técnicos na Tv, não foi possível executá-lo. Apesar dos contratempos, prossegui com a proposta da atividade que havia elaborado anteriormente. Entreguei a cada aluno as folhas com o referido exercício. Os estudantes delongaram cerca de 35 a 40 minutos para a conclusão do mesmo.

Alguns expuseram as suas dúvidas sobre determinadas questões do exercício que foram esclarecidas por mim e pela professora regente. Após

concluírem, todos entregaram o exercício. Posteriormente, em acordo com a professora Bisneta, fiquei encarregada de realizar as correções, essa, foi a primeira avaliação sob a perspectiva docente feita por mim.

Ao corrigir a atividade aplicada na turma do 2º ano, constatei que alguns alunos utilizaram o celular como objeto de pesquisa para as respostas das questões abertas propostas no exercício. Deduzi, pelo fato de que alguns discentes escreveram textos bastante extensos e, acrescentaram alguns aspectos que não foram explorados em sala de aula. Ao levantar uma busca via internet, partindo do exposto pelos alunos no exercício, pude comprovar as minhas suspeitas.

A atitude dos estudantes em relação à forma com a qual responderam a atividade revela uma situação preocupante, visto que após a problematização de determinado assunto em aula, compreendi que uma parcela dos alunos sequer conseguiu concluir as respostas de um exercício com suas próprias palavras, com base no seu próprio entendimento acerca do conteúdo.

Segundo a afirmação de Freire (1996, pag.33), “[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento.” Desse modo, as aulas “tradicionais”, composta pelo professor apenas reproduzindo conteúdos, por vezes não trazem resultados satisfatórios, no que diz respeito a aprendizagem. Sendo assim, é preciso refletir, na perspectiva da relação entre professor e aluno, que devem estar inseridos numa construção de conhecimento constante em sala de aula.

Para a turma do Ciclo VI (3º ano), elaborei um exercício com 3 questões. Duas de múltipla escolha, e uma questão aberta. A professora regente, me auxiliou na escolha das questões deste exercício que seria aplicado na turma. Junto ao exercício, foi entregue uma folha com o resumo do conteúdo da aula anterior. Isso se fez necessário, pois segundo a professora Bisneta Freire, acredita-se que a compreensão dos discentes do turno da noite é diferente, visto que, a maior parte desses estudantes da modalidade de ensino EJA, são alunos que passaram muitos anos fora do âmbito escolar.

No dia da aplicação deste exercício, a professora solicitou que as folhas fossem entregues aos alunos e, explicasse para eles como realizar o exercício. Neste respectivo dia apenas 7 estudantes se encontravam na sala de aula. O exercício proposto valeria 3 pontos.

O registro, conforme figura 20, reflete a concentração e atenção dos alunos ao responderem o exercício proposto. Ao final da aula, recolhi as atividades, e pude corrigi-las posteriormente. A maioria dos estudantes, obteve nota máxima. Conclui, especificamente neste dia, as aulas ministradas referentes ao estágio.

Figura 21. Alunos da turma do ciclo VI (EJA), respondendo ao exercício.



Acervo pessoal, 2023.

O estágio pôde me proporcionar uma importante experiência em sala de aula, no sentido de experimentar o novo, que durante todo o período da graduação não havia realizado. O curso de licenciatura em história precisa ser repensado do ponto de vista metodológico, pois ainda, até o presente (com base na grade curricular em que, até então, eu estava inserida) é basicamente teórico, e pude compreender na prática que a realidade é divergente. Existe, portanto, um espaço muito longínquo entre teoria e prática, todavia considero que esta circunstância é passível de mudança.

É preciso refletir que para além de profissionais, a graduação formará professores e, para a sua atuação efetiva e eficiente, necessitamos não só exclusivamente do conhecimento obtido através dos livros e pesquisas, da mesma forma necessitamos de uma metodologia que nos auxilie durante todo o processo de docência e das práticas pedagógicas.

Durante o estágio, apliquei um questionário aos alunos das respectivas turmas em que ministrei as aulas. O objetivo principal desse questionário consistiu em conhecer qual a perspectiva de futuro de cada aluno no meio escolar. Dentre as perguntas presentes nesse exercício destaco as seguintes: Você gosta de ler? Você sente dificuldade em aprender os conteúdos de história? Você costuma pesquisar sobre os conteúdos após as aulas? Qual a sua motivação para continuar os estudos? O que você pretende fazer ao concluir o ensino médio? Com base nas respostas obtidas, pude perceber a desanimação, dos alunos para com os estudos.

Ressalto ainda, que as respostas recebidas através do questionário aplicado na turma do 2º ano “F” tarde, chamaram-me bastante a atenção. 21 alunos responderam as questões e ao serem indagados sobre o hábito de ler, com base nas opções de respostas que sugeri, sendo elas: Sim, Não, Muito e pouco; 10 alunos responderam “Mais ou menos” ou “pouco”, 2 responderam que “Não gostavam de ler” e, apenas 9 estudantes, responderam que “Sim”. De acordo com análise das respostas, é possível identificar que se faz necessário algo que funcione como um estímulo para incentivar a leitura por parte do corpo discente.

Contudo, referente à uma outra questão proposta na atividade, abordei se sentiam dificuldades em “aprender” os conteúdos de história. Apenas 6 alunos, responderam que “não sentiam”, 12 responderam com “um pouco”, “mais ou menos” e “não muito” e 2 alunos responderam que tinham dificuldades relacionados à compreensão do conteúdo. Desse modo, podemos notar que a metodologia utilizada em sala de aula, não consegue suprir as necessidades/dificuldades destes alunos.

Analisando uma outra questão, em que perguntei se os discentes costumavam pesquisar sobre os assuntos pós-aula, 7 alunos responderam que “não”, 10 responderam que pesquisam “às vezes” e apenas 4 responderam “sim”. É evidente, conforme essas respostas, que mesmo que sintam dificuldades em compreender o conteúdo de história, os alunos não buscam cessar suas dúvidas.

Ao serem questionados sobre a motivação para concluir os estudos e o que pretendiam fazer após concluir o ensino médio, as respostas obtidas foram satisfatórias, com exceção de duas delas. Enquanto a maior parte destes alunos

e alunas expuseram que suas motivações e pretensões futuras consistiam no desejo de concluir o ensino médio, ingressar em um curso superior ou técnico para conquistar um bom emprego (conforme questionário respondido por uma aluna, na figura 22); dois alunos foram contrários à essas respostas.

Um jovem de 16 e outro jovem de 17 anos, responderam as perguntas, afirmando que não tinham motivação alguma para continuar os estudando e, que não pretendiam “fazer nada” após terminá-los. Dito isso, recorde que a professora regente havia relatado que era recorrente esse desinteresse, por parte de certos alunos.

Figura 22. Questionário aplicado aos alunos das turmas do 2º ano “F” e Ciclo VI (EJA).

ANO/ TURMA: 2F
TURNO: Tarde

QUESTIONÁRIO

- 1- QUAL SUA IDADE? 16 anos
- 2- VOCÊ JÁ FOI REPROVADO(a) OU PRECISOU DESISTIR DOS ESTUDOS?
nao
- 3- VOCÊ RESIDE NA ZONA URBANA OU RURAL?
urbana
- 4- VOCÊ GOSTA DE LER ? (Sim, não, muito, pouco)
pouco
- 5- VOCÊ GOSTA DE ESTUDAR HISTÓRIA? (Sim, não, muito, pouco)
sim
- 6- VOCÊ SENTE DIFICULDADE EM APRENDER OS CONTEÚDOS DE HISTÓRIA?
um pouco
- 7- VOCÊ COSTUMA PESQUISAR SOBRE OS CONTEÚDOS PÓS AULA?
nao, mas sim
- 8- QUAL A SUA MOTIVAÇÃO PARA CONTINUAR OS ESTUDOS?
para conseguir um trabalho melhor;
- 9- O QUE VOCÊ PRETENDE FAZER APÓS TERMINAR OS ESTUDOS (ensino médio)?
pretendo continuar um trabalho, talvez
ou seja uma atividade melhor
- 10- VOCÊ GOSTOU DAS AULAS MINISTRADAS PELA ESTAGIÁRIA?
sim

Acervo pessoal, 2023

Buscando fazer uma reflexão a respeito destas questões, nota-se o desânimo por parte desses alunos, que embora sintam dificuldades em determinados conteúdos abordados em sala de aula, não buscam findá-las seja por meio do questionamento direto ao professor, seja através de pesquisas em outras fontes.

Nota-se também que os alunos estão habituados meramente a “copiar” sem a tentativa de compreender o que está sendo escrito. Portanto, se faz necessário buscar e aplicar uma prática pedagógica eficiente, levando em consideração a realidade de cada indivíduo e em cada espaço, buscando através dessas práticas provocar o estímulo e análise crítica e interpretativa desses alunos dentro âmbito escolar.

De acordo com Freire (1996, pag.21), “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto às indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, à suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluo este relato com a reflexão de que “[...] ensinar não é transferir conhecimento [...]”(FREIRE,1996, pag.21), mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Dessa forma, o docente deve estar aberto as dúvidas e questionamentos, deve também instigar, além do próprio pensamento crítico, o pensamento crítico do discente.

Ministrar aulas na escola em que conclui minha formação escolar, me trouxe muitas reflexões à medida que pude retornar a esse espaço, não apenas como estudante, mas em uma outra perspectiva como docente. Durante o estágio, pude refletir sobre minhas próprias dúvidas, quanto à minha capacidade, os medos do julgamento e, se seria boa o suficiente. Porém, ao final pude compreender, que sim, sou capaz, no entanto, podendo melhorar a cada dia.

Fui bem recepcionada pela escola, funcionários e principalmente pela professora Bisneta Freire, a quem sou muito grata por toda assistência durante o período do estágio.

Considero o estágio de extrema importância, pois desse modo pude perceber o quão difícil é ser professor na prática. As múltiplas tarefas que temos que cumprir, turmas que temos que lecionar simultaneamente, cada qual com um conteúdo divergente; além dos desafios na prática pedagógica.

A prática docente é repleta de desafios diários, todavia, considero que se o professor em sua capacidade objetivar na missão de superar-se a cada dia, enquanto educador, enquanto suporte da sociedade para educação; tornará o mundo um lugar bem melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. IN _____ **Ditos e escritos. Ética, sexualidade, política.** MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. v. 5. Pp. 144-162

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em <
<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> > Acesso em: 3 mar. 2023

MAUAD, Ana Maria. **“Através da imagem: fotografia e história. Interfaces”** In: Tempo, Rio de Janeiro, vol.1, no.2, 1996, p.73-98.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social Estudos Históricos.** Rio de Janeiro: 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.